

Jovens e escolhas vocacionais em magazines informativos portugueses (2000-2008)

Planning the future? Representations of young people in Portuguese news magazines (2000-2008)

Cristina Ponte*

* CIMJ, FCSH-Universidade Nova de Lisboa

Resumo

Este artigo caracteriza o tratamento jornalístico de matérias relacionadas com jovens (15-35 anos), as suas escolhas vocacionais e a sua situação perante o trabalho em três revistas generalistas de grande expansão, entre 2000 e 2008. Como enquadramentos, apresenta as características deste jornalismo de revista, na sua dimensão de proximidade e de aconselhamento ao leitor, por um lado. Por outro, caracteriza o contexto português com uma atenção aos valores relacionados com emprego e experiência laboral, nesses anos. A escolha de revistas orientadas para leitores onde se destacam leitores do sexo feminino e a atenção ao tempo longo permitiu contrastar discursos entre as revistas seleccionadas: a continuidade da atenção à mobilidade e ascensão social, na revista de cariz popular; a súbita consciencialização do problema do desemprego juvenil quando passou a afectar "os seus filhos", educados e com formação superior, nas revistas orientadas para leitores de classes médias.

Palavras-chave: Jovens e media; representação mediática; magazines; análise de imprensa; emprego

Abstract

This article presents how Portuguese news magazines reported issues related to young people (15-35 years) and their vocational choices and employment from 2000 to 2008. The analysis is framed by the Portuguese context in those years, introducing values concerning employment and work experience, and it also introduces the news magazine's style and its particular proximity to female readers. The choice of leader magazines targeted to different social groups and the focus on long time made visible distinctive discourses: the continued attention to mobility and social mobility in the popular magazine; the sudden awareness of the problem of youth unemployment when it started to affect "their children", in magazines oriented to the middle classes.

Keywords: Youth and media; magazines; news analysis; employment and economic crisis

Introdução

Este artigo viaja a um tempo anterior ao da crise económica mundial desencadeada no Verão de 2008 e cujos impactos na sociedade portuguesa se fizeram sentir anos depois. Procura identificar como se falava do emprego juvenil em tempos já distantes, de 2000 ao início de 2008. Em revistas informativas nacionais de grande circulação e numa perspectiva longitudinal, assinala-se a frequência e os momentos em que aparecem referenciadas opções vocacionais e perspectivas profissionais dos jovens, caracterizando *que jovens aparecem* (e, por corolário, *que jovens estão ausentes*) e *como* são apresentados.

A presente análise fez parte do projecto *O futuro em aberto: incertezas e riscos nas escolhas escolares* (2007-2010), coordenado por Maria Manuel Vieira, do Instituto de Ciências Sociais e financiado pela FCT,

de que começaram a sair publicados alguns artigos (Vieira, 2012; Vieira, Pappamikail e Resende, 2012). Os resultados aqui presentes foram apresentados no seminário internacional de conclusão do Projecto, realizado em Outubro de 2010. Resultados do mesmo Projecto, realizados através de inquéritos extensivos e por entrevistas semi-estruturadas a jovens que frequentavam o ensino secundário, apontaram que, no que se refere aos modos como iam elaborando as suas escolhas vocacionais, os meios de comunicação social (das notícias às séries de ficção) ocupavam um lugar subalterno em relação ao peso das redes familiares e de pares (Melo, 2011). Estas conclusões claramente contrariam uma visão algo simplista sobre o poder persuasivo dos *media* junto dos mais novos.

Uma análise de oito anos permite confrontar o que foi a cobertura jornalística sobre questões relacionadas com jovens, estilos de vida e escolhas vocacionais, nesse tempo longo do início do século XXI, com a cobertura jornalística de hoje, onde as escolhas vocacionais e a situação de precaridade é do desemprego juvenil estão na ordem do dia. Desse modo é possível, olhando para trás para encarar o presente, dar conta das suas continuidades e mudanças.

O artigo começa por apresentar uma contextualização da sociedade portuguesa no que se refere aos valores relacionados com o trabalho profissional e as suas carreiras, para de seguida caracterizar o tipo de suporte mediático que foi alvo de análise: as revistas de informação geral. Partindo destes dois pontos como enquadramentos, apresenta a metodologia activada para a análise das peças e os seus resultados, de onde ressaltam interessantes diferenças entre os jovens excepcionais e os jovens como grupo geracional, entre a revista de cariz mais popular e as revistas mais orientadas para classes médias. O artigo conclui com uma síntese de resultados e pistas para investigação futura.

1. Valores modernos e pós-modernos sobre o mundo laboral

A investigação sociológica tem assinalado como avultam nas últimas décadas profundas alterações do modo como se realiza a entrada no mundo laboral. Com o fim da estandardização do trabalho, assistimos à passagem do pleno emprego para a sua flexibilização e a permanência de um desemprego estrutural, num cenário de riscos e de oportunidades. "As fases da vida associadas ao desemprego já se tornaram parte das biografias de base de grande parte da população, e esta 'normalização' biográfica corresponde a uma normalização institucional – com um final em aberto", escreve o sociólogo Ulrich Beck, (1992: 149, aspas do autor).

Se este é um cenário das sociedades de modernidade avançada, na sociedade portuguesa de "modernidade inacabada" (Machado e Costa, 1998), interessa identificar como é que se procede o confronto entre valores relacionados com o trabalho – como os *valores materialistas* (em torno da segurança física e económica) e os *valores pós-materialistas* (em torno da atribuição de sentido e

desenvolvimento pessoal, de sentimentos de pertença e de auto-estima), como aponta o estudo liderado por António Caetano, em relação à escolha de uma vocação/profissão (ver Caetano *et al.*, 2003: 431-2). Numa análise a um período já distante e de oito anos, procuramos ver *se* e *como* se verificou a passagem entre valores materialistas e pós-materialistas, e se essa transição contém elementos de “regressão” derivados dos efeitos como crises económicas e desemprego.

Mais do que as diferenças de género, os níveis educacionais e as características ocupacionais das variáveis demográficas são considerados referências para a definição dos valores do trabalho (Caetano *et al.*, *idem*). A educação é ponto-chave em todas as estratégias de desenvolvimento e o esforço de modernização na sociedade portuguesa foi notório nas últimas décadas. Se a população com acesso ao ensino superior sextuplicou entre 1970 e 2002, chegando a 9,4%, era ainda menos de metade da média europeia; em 2004 a saída da escola sem completar o 12º ano andava pelos 40% (Telo, 2007: 326-333). A democratização do ensino superior abriu o acesso a uma população socialmente heterogénea, cujos pais continuam a apresentar baixas qualificações escolares (Martins, Mauritti e Costa, 2005; Vieira e Almeida, 2012). E se hoje estudantes do sexo feminino são maioritários na maioria dos cursos superiores, estudantes de minorias étnicas estão relativamente pouco presentes.

Nas profissões, as dinâmicas de modernização não ocorreram em todos os sectores. Enquanto o sector primário caiu brutalmente de 46,6% em 1960 para 4,1% em 2001, e as profissões intelectuais quase quadruplicaram (de 2,8 para 8,6%), os operários não especializados mantiveram o peso de há 50 anos, cerca de 30%. O declínio do sector primário não foi assim compensado por uma correspondente subida de profissões especializadas nas novas indústrias e serviços. Em meados da primeira década de 2000, o sector transformativo tradicional na indústria e a prestação de serviços pouco qualificados em pequenas empresas e na administração pública continuavam a ser a paisagem laboral dominante, apesar do dinamismo da banca, dos seguros, do imobiliário e do emergente sector ligado a novas tecnologias (ver Cardoso *et al.*, 2005: 39).

Em 1997, resultados do *International Social Survey* a maiores de 18 anos sobre um conjunto de 15 valores sociais ligados ao trabalho mostravam que Portugal se destacava por apresentar uma muito menor atribuição de valor à *iniciativa pessoal* (em 13º lugar, para o 7º lugar na média europeia). Contrastava também da maioria dos países europeus na elevada saliência de valores relacionados com as condições de emprego (*remuneração, bom horário*) no contexto do trabalho. A comparação com resultados de 1990 revelava não só os mesmos valores de topo (*trabalho bem pago, ambiente humano agradável, segurança*), mas também a ascensão de tendências que contrariavam o perfil de desempenho profissional esperado em economias de forte dinamismo: *ter iniciativa* passou de 52,8% em 1990 para 35,9% em 1997. Desceram também a *realização* (de 64,3% para 48,1%) e o *uso das capacidades* (de 56,6% para 46,5%). Estes três

valores ficavam assim abaixo da metade, traduzindo uma ritualização do acto laboral, dado como tendo vínculo assegurado. Podemos ver aqui um contraste com dinâmicas laborais pós-modernas, que privilegiam o envolvimento individualizado, as competências e os talentos (Caetano *et. al.*, 2003: 437-455).

Perante estes indicadores, os autores notam que “parece ter vindo a emergir uma certa inclinação hedónica face ao trabalho desde que este não implique pró-actividade e ofereça estabilidade no que se refere a recompensas, ambientes e segurança” (idem: 453).

Em 2007, resultados do Eurobarómetro a jovens europeus (15-30 anos) fornecem outros pontos de reflexão. Interrogados sobre as dificuldades de encontrar emprego, os jovens portugueses foram os que mais assinalaram que a principal razão era a *falta de oportunidades no país* (63%, para 38% na média europeia) e os que menos referiam ser difícil encontrar um emprego por *não terem suficiente experiência prática* (13%, para 24% de média europeia). Estas respostas sugerem uma postura que privilegia factores externos (*o país, os outros*) sobre os internos (as características do sujeito e da situação, a vontade em as ultrapassar).

Na comparação de valores emergentes nesse estudo europeu, entre as qualidades mais necessárias para encontrar um bom trabalho, apareciam: *comunicação e a capacidade de trabalhar em equipa* (27%); *ter completado um curso de formação ou uma aprendizagem* (21%); *saber trabalhar com computadores e novas tecnologias* (17%) e *dominar línguas estrangeiras* (16%). Os jovens portugueses foram os que menos valorizaram a comunicação e trabalho em equipa (14%), e os que mais mencionaram a necessidade de ter completado um curso de formação ou aprendizagem (34%), sugerindo que as competências relacionais cediam espaço às competências formais (“ter um canudo”). Por seu lado, os jovens portugueses estavam abaixo da média europeia nas dificuldades com línguas estrangeiras e com aspectos organizacionais, mas acima na consideração de não terem condições financeiras para ir trabalhar para fora do país e poderem vir a ter dificuldades no reconhecimento das suas qualificações. Podemos encontrar aqui uma certa resistência ao enfrentamento da mudança que não é alheio a dificuldades económicas e a baixo capital económico das famílias para um apoio nos primeiros tempos da mudança.

No terceiro trimestre de 2007, segundo dados do INE, as taxas de desemprego por grupos etários e nível de escolaridade atingido apontavam que entre os jovens licenciados (25-34 anos) cerca de um terço (32,1%) estava desempregado. Na mesma faixa etária, jovens com ensino básico (3º ciclo) e com o ensino secundário e pós-secundário apresentavam um ratio de desempregados na ordem dos 13%.

É neste contexto português e nesse tempo já distante que iremos apreciar a cobertura jornalística sobre as escolhas profissionais de jovens nas revistas de informação generalista, meios de comunicação social que aconselham e orientam leitores, fazendo assim parte dos “sistemas periciais” (Giddens, 1990) que os ajudam a lidar com situações de risco, incerteza e insegurança.

2. O registo jornalístico das revistas de informação geral

A primeira revista de informação geral, a norte-americana *Time*, em 1922, introduziu uma nova escrita informativa, abandonando o modelo de registo ou relato de factos sem contextualização, um modelo dominante nos jornais anglo-americanos de então (Chalaby, 2002). Os quatro conceitos-chave que introduziu marcam as publicações magazine. São eles: a organização das notícias por uma forma lógica, em secções específicas; uma avaliação e interpretação do que as notícias significavam para os leitores; uma escrita clara, curta e exhaustiva; e uma ênfase nas personagens que protagonizavam as notícias (Johnson e Prijatel, 1999, in Cardoso, 2012). Estes aspectos continuam a marcar a escrita de revistas generalistas, nos nossos dias.

A personalização terá sido decisiva para o sucesso editorial deste modelo. Atribuindo um rosto humano aos acontecimentos, desvendando a pessoa por detrás do protagonista da notícia, as suas características físicas e psicológicas com as quais qualquer leitor é capaz de se identificar, a *Time* terá encontrado a ponte certa para ultrapassar a aridez da factualidade e fazer compreender a realidade (Cardoso, 2012).

Outros traços apontados por analistas destes meios (Vilas Boas, 1996; Charon, 1999; McLaughlin, 2000) são: "a encenação da informação", uma *estética* de sedução onde se combinam o design, a narrativa visual e a narrativa linguística; uma *produção* cuidada, num papel de qualidade que favorece uma perenidade do meio; uma *periodicidade* dilatada que permite uma menor dependência da actualidade imediata e que desafia a criatividade, antecipação e sensibilidade a tendências; um *contrato de leitura*, que parte das características dos leitores para lhes apresentar uma agenda de conteúdos heterogéneos, da política à economia, à cultura e aos tempos livres.

A revista generalista é apreciada assim pela sua capacidade em surpreender e em fornecer temas inesperados, mas ao mesmo tempo também por confirmar aquilo que era já uma impressão. Proporciona aos leitores um espelho onde se encontram, não na totalidade mas parcialmente, nos domínios que lhes interessam. Convoca-os directamente, interpelando-os no singular a entrarem na história, pela sugestão identitária do *podia ser você*.

Este efeito de espelho é realizado pela escrita e pela imagem. Os textos seguem os padrões de construção narrativa, com os seus grandes elementos: o *contexto* (onde se marca o tempo, o lugar e outras circunstâncias, incluindo os perfis dos participantes); o *problema*; a *resolução*; e a *moral*, uma sugestão de orientação ainda que apenas implícita na leitura, o que Vilas Boas (1996: 21) designa como *ponto de vista*. São textos escritos de um modo vivo, dialogante, fazendo intervir amiúde relações entre participantes, numa polifonia de vozes (o que dizem, o que dizem deles, como respondem ao que é dito). Aqui a narrativa combina-se com momentos descritivos, de detalhes aparentemente banais e de outras

impressões que fornecem um *background* sobre a sociedade envolvente, as suas referências, preocupações, objectos materiais, os seus sinais de *distinção* (Bourdieu, 1979).

Embora tenha marcas de diálogo, o discurso destas revistas é dominado pela voz editorial que se apresenta como próxima e conselheira, recorrendo à primeira pessoa do plural (nós inclusivo), a uma expressividade que se aproxima dos padrões orais dos leitores, deste modo sugerindo uma conversa. Este estilo informal elabora assim um “discurso do mundo da vida” (Fairclough, 1991), e esta mistura de discursos cria uma credibilidade que contrasta com o tom mais formal da imprensa diária de referência.

Enquanto a imprensa diária de referência foi durante décadas associada ao leitor adulto do sexo masculino, cidadão culto e letrado, as revistas conseguem penetrar mais nas leitoras dessas idades, pela sua linguagem. Lakoff (1975) faz notar como as mulheres recorrem a certos traços de linguagem que a amenizam e a tornam menos distante: usam mais expressões defensivas, imprecisas, menos grosseiras, mais carregadas de emoção do que de avaliação intelectual; recorrem mais a intensificadores de expressão, a diminutivos e outros adjectivos. Estas marcas linguísticas encontram-se nas revistas, nomeadamente nos artigos de comportamento, reportagens, testemunhos, perfis e “histórias exemplares”.

Também a imagem nas revistas pode ser considerada como uma narrativa com, pelo menos, três funções (Charon, 1999):

- uma função *indicativa*, de concisão e informação sobre o contexto, as circunstâncias, os protagonistas e as características da acção;
- uma função de *orientação*, por guias, sinais, pequenos símbolos e fotos, onde se incluem aspectos de produção como o recurso a jogos de luzes, planos, cores, formas e outros sinais que permitem a interacção e a cumplicidade do leitor;
- e uma função *estética*, de prazer e fruição, que convida ao retorno às páginas e que confere às revistas um maior tempo de vida.

Com base neste jornalismo, e considerando a orientação mais vincada para mulheres destas publicações, pelos pontos atrás apresentados, iremos explorar *que jovens* aparecem e em que posições foram colocados. Ou seja, pela análise será possível também evidenciar como é que estes textos, que se apresentam como textos de aconselhamento e de auto-ajuda, contribuem para o seu lugar de mães, com um papel fortíssimo na transmissão de valores e na educação dos seus filhos (Buchner, 2003).

3. Orientações metodológicas para a análise de imprensa

A escolha dos três títulos (*Visão*, *Domingo Magazine* e *Notícias Magazine*) incidiu no facto de serem líderes nos seus segmentos em 2007, segundo dados da Markest. Não se pretende com esta análise de casos extrair conclusões generalizadas para o conjunto de toda a imprensa magazine de informação. Por

questões pragmáticas e de gestão de tempos e recursos, decidimos focar a atenção apenas nas revistas líderes e proceder a um levantamento exaustivo das suas peças sobre o tema dos jovens e das suas escolhas vocacionais. Vejamos um breve retrato de cada uma.

A *Visão* surgiu em 1993, dirigida por Carlos Cáceres Monteiro. Sucessora do semanário *O Jornal* visa “satisfazer todos os que, não tendo tempo a perder, preferem a qualidade jornalística, a independência editorial, o ângulo original e a síntese prospectiva”, como se lê no seu primeiro número. Apesar da concorrência de novos títulos, surgidos no final dos anos 1990, em 2007 era líder do mercado no segmento das *newsmagazines*, com cerca de 110 mil exemplares de circulação média e tinha como leitores adultos de classe média e média alta, a viver em meios urbanos .

A *Domingo* (*Domingo Magazine* até 2005), publicada no *Correio da Manhã*, o jornal líder de audiência, apresentava-se com leitores dos segmentos de classe média e média baixa. Editorialmente, fazia uma revisão da semana pelo destaque e contextualização dos principais acontecimentos, realçando figuras públicas e cidadãos anónimos em torno de protagonismos e de “histórias exemplares”. Pelo aconselhamento em matérias de saúde, educação, comportamentos, relações, era uma revista muito centrada nos quotidianos. De 2000 a 2008, mudou frequentemente de grafismo e de ordem nas secções, mas estas mudanças foram maiores do que as de conteúdo.

Distribuída por três jornais (*Jornal de Notícias*, *Diário de Notícias* e *Jornal de Notícias da Madeira*), a *Notícias Magazine* em 2007 era a revista semanal de maior tiragem do país, atingindo uma audiência mais transversal em termos de classe do que as anteriores, ainda que se orientasse para a classe médias. Apresentava uma agenda menos marcada pela actualidade da semana e com menos espaço para cidadãos anónimos enquanto protagonistas de “histórias exemplares”. Figuras públicas, nacionais e internacionais, eram as mais presentes, em perfis e entrevistas. O discurso em primeira pessoa e o tom coloquial eram vinculados, com um grafismo mais sóbrio e com mais páginas do que a sua concorrente do *Correio da Manhã*. A constituição do corpus compreendeu pesquisa nas edições em papel, entre Janeiro de 2000 e Abril de 2008, de peças jornalísticas (reportagens, perfis, artigos de comentário) com referência a jovens (15-35 anos) como agentes ou alvo de atenção da peça, e a termos como “profissão”, “escolha profissional”, “emprego/desemprego”, “formação”, “vocação” e afins. Numa das revistas, recorreu-se também a uma pesquisa no arquivo digital, pelas mesmas palavras-chave. Algumas peças que incidem em “histórias de vida”, gostos e interesses de jovens que se destacaram numa determinada área foram incluídas por se poderem constituir como referência, nas suas “histórias exemplares” de realização pessoal e de contextualização das suas biografias em ambientes familiares e culturais.

Na atenção à “representação como actores sociais” (van Leeuwen, 1997), a análise ao protagonismo dos jovens distinguiu entre os que aparecem enquanto “classes que constituem o real” (uma representação

genérica, geracional) ou por “representações específicas”, situados em “mundos concretos, povoados por pessoas comuns, sítios, objectos e acções concretas e específicas” (Bourdieu, 1979: 444), na linha do que este sociólogo francês considerava a visão dominante da imprensa popular. Foram considerados atributos como género, etnia e marcas sociais como o vestuário ou a linguagem, bem como os interesses, comportamentos, estilos de vida e preocupações a que aparecem associados e ainda os modos como é incorporada a sua linguagem no texto e que outras vozes são ouvidas. Procurou-se assim analisar as escolhas vocacionais e os percursos profissionais que apareceram, quem os protagonizou, a que discursos sobre os valores do mundo do trabalho estavam ligados e como apareceram o sucesso e o insucesso profissional e pessoal.

As peças foram agrupadas em duas categorias: uma centrada em jovens específicos e que se destacam de modo positivo pelas suas actividades, escolhas diferentes do padrão, talentos e interesses (os jovens *excepcionais*); outra centrada numa representação geracional, numa panorâmica sobre identidades e trajectórias de estudos e profissionais.

4. Escolhas vocacionais nos magazines: os padrões, as presenças, as ausências

A análise de imprensa sobre a cobertura noticiosa de crianças e jovens no ano de 2005 (Ponte e Afonso, 2009) tinha apontado que a *Notícias Magazine* e a *Domingo* apresentavam poucas peças sobre o segmento de idade 16-18 anos. Não esperávamos, contudo, encontrar apenas 35 peças, tendo em conta o período alargado de oito anos, que abrange mais de 400 edições de cada título. Este primeiro resultado revela a escassa atenção e espaço editorial atribuído a problemáticas associadas a jovens e à sua consideração enquanto agentes dessas escolhas.

O Quadro 1 apresenta a sua distribuição por data, revista, secção, número de páginas e presença em capa.

Quadro 1: Jovens e escolhas vocacionais, peças por data, revista, título, secção, número de páginas e título de capa

Data	Revista	Título	Secção	Nº pags	Título de Capa
22.10.2000	<i>Domingo</i>	Estudar lá fora – um desafio e um sonho	S/Secção;	3	
22.10.2000	<i>Domingo</i>	Miguel gosta de números e licenciou-se em probabilidades	S/Secção	2	
16.08.2001	<i>Visão</i>	Os gurus do amanhã	Economia	5	
18.11.2001	<i>Domingo</i>	Vieram de fora perdidos mas já se encontraram		3	

30.12.2001	<i>Domingo</i>	Crescer com a música		4	
23.05.2002	<i>Visão</i>	A geração Y	Sociedade	7	Geração.com
14.12.2003	<i>Domingo</i>	Jovens: como eles vêem o país	Abertura/ Juventude	15	
05.09.2004	<i>Domingo</i>	A escola em 5 passos: de bebé a doutor	Educação	10	As cinco idades da escola
10.02.2005	<i>Visão</i>	O mundo aos 18 anos	Sociedade	9	O mundo aos 18 anos
01.05.2005	<i>Domingo Magazine</i>	Camões na ponta da língua	Capa/Integração	8	Sou moldavo e o melhor aluno a Português
25.08.2005	<i>Visão</i>	Seleção de esperanças	Sociedade	7	
07.08.2005	<i>Notícias Magazine</i>	Escolas de toureio: o berço dos matadores		9	O berço dos matadores
22.09.2005	<i>Visão</i>	Onde ainda há emprego	Economia	6	
30.10.2005	<i>Domingo Magazine</i>	Ser médico à checa	Tema de capa	7	Médicos formados a leste
28.05.2006	<i>Domingo Magazine</i>	Ser cientista para saber muito mais desta vida	Português da semana	2	
13.08.2006	<i>Notícias Magazine</i>	Entrevista: Joana Carneiro		5	
27.08.2006	<i>Domingo Magazine</i>	A primeira doutorada em Música por Oxford	Português da semana	2	
17.09.2006	<i>Notícias Magazine</i>	E depois dos dezoito?		9	
24.09.2006	<i>Domingo Magazine</i>	Aventureiro nas grutas da Serra da Arrábida	Português da semana	2	
01.10.2006	<i>Domingo Magazine</i>	Ah fadistas	Tema de capa	6	Os novos fadistas
08.10.2006	<i>Domingo Magazine</i>	O curso da avaliação	Especial	6	
26.11.2006	<i>Domingo Magazine</i>	Às do volante corre para novo desafio	Português da semana	2	
03.12.2006	<i>Domingo Magazine</i>	O cientista que abriu portas à cura do cancro	Português da semana	2	
14.01.2007	<i>Domingo Magazine</i>	A marcha dos desalinados	Estórias	5	

21.01.2007	<i>Domingo Magazine</i>	Da barra dos tribunais aos prémios do cinema	: Português da semana	2	
11.02.2007	<i>Domingo Magazine</i>	Jovem arte de tourear	Foto-reportagem	6	
01.04.2007	<i>Domingo Magazine</i>	Saiu dos relvados para chegar ao topo do judo	Português da semana	2	
01.04.2007	<i>Domingo Magazine</i>	Uma geração precária	Foto-reportagem	6	
08.07.2007	<i>Domingo Magazine</i>	Diferentes entre iguais nas Forças Armadas	Histórias	4	
15.07.2007	<i>Domingo Magazine</i>	Um futuro cosida com as linhas da moda	Tema de capa	6	Jovens criadores
23.08.2007	<i>Visão</i>	Aqui há talento	Sociedade	10	Como se descobre o talento
20.09.2007	<i>Visão</i>	Geração dos trinta	Sociedade	7	Ter 30 anos em Portugal
14.10.2007	<i>Domingo Magazine</i>	Fala a vossa comandante	Tema de capa	8	Fala a vossa comandante
06.12.2007	<i>Visão</i>	10 empregos com futuro	Economia	8	10 empregos com futuro
28.02.2008	<i>Visão</i>	Geração em saldo	Portugal/Emprego	8	Geração em saldo

Fonte: Projecto *O Futuro em Aberto*/Ponte (2010)

Da leitura do Quadro 1 podemos observar continuidades e diferenças na atenção ao tema:

- A revista com mais peças (23) é a *Domingo*, mas sem peças em 2002 e 2008; a *Visão* tem 9 peças, das quais nenhuma em 2000, 2003, 2004 e 2006; a *Notícias Magazine* tem 3 peças, e apenas de 2005 e 2006;
- Há uma clivagem no número de peças, quando o desemprego de jovens licenciados nas estatísticas se tornou mais visível: antes de 2005, foram encontradas oito peças; de 2005 a 2007, foram encontradas mais do triplo, 27.
- A matéria das peças foi manchete de capa em 13 edições: 6 na *Domingo*, 6 na *Visão* e 1 na *Notícias Magazine*;

- Na *Visão* as peças oscilam entre *Economia e Sociedade*; na *Domingo*, sete peças aparecem na secção *Português da Semana*, que destaca uma figura nacional, conhecida ou não, e quatro como *Tema de Capa*;
- Apenas três peças tiveram 10 ou mais páginas, duas da *Domingo* e uma da *Visão*;
- Os meses do segundo semestre, com 25 peças, têm mais do dobro das peças publicadas no primeiro semestre (10); Agosto, Setembro e Outubro têm o maior número de peças, coincidindo com a época de férias e o início de um novo ano escolar. Não houve peças nos meses de Março e Junho. A sazonalidade parece então depender mais da falta de matérias (no Verão) e do calendário de início de ano escolar do que de momentos de escolha de áreas de prosseguimento de estudos, como os do final do primeiro semestre.

5. Ser jovem em revista: entre o excepcional e o geracional

5.1 - Jovens "excepcionais"

Das 18 peças sobre jovens excepcionais, 13 foram publicadas na *Domingo*, três na *Visão* e duas na *Notícias Magazine*.

Estes jovens distinguem-se pelos seus projectos e desempenhos: jovens estudantes com notável sucesso escolar, jovens artistas, cientistas e desportistas de alta competição. São também cosmopolitas: na maior parte das biografias, a sua experiência de vida transcende fronteiras, mistura-se com outros espaços e reconhecimentos. As actividades artísticas e científicas são as que se prestam mais a esses perfis, pelo fascínio e paixão das histórias de ciência em luta pelo saber e pela beleza e vigor que acompanham as imagens das artes e do desporto.

Nas Artes, desempenhos ligados à Música e à Tauromaquia são os mais referidos, com tensões entre tradição e modernidade: a interdição do feminino nas touradas, que começa a ser derrubada; a renovação do fado pelos "novos" fadistas; o acesso feminino a uma profissão tradicionalmente masculina, a direcção de orquestra. Entre as actividades ligadas à Ciência - Ciências Médicas, Biotecnologias, Economia, Matemática Aplicada – as ciências Biomédicas lideram e a Medicina é a grande meta nos seus discursos e interesses.

São de jovens com desempenhos *excepcionais* quatro das 13 capas, mas apenas duas foram publicadas antes de 2005, sugerindo uma mais recente visibilidade do valor de diferenciação, uma maior atenção a percursos individuais de mérito, de sucesso e de empenho.

Em duas capas, os jovens olham o leitor, numa postura frontal, interagindo com ele: a imagem de uma jovem escritora já premiada, deitada sobre um fundo de palavras, sugere o seu "mergulho" no mundo das letras; noutra, um jovem imigrante, sorri e apresenta-se pela frase escrita no quadro negro: *Sou moldavo e*

o melhor aluno a Português. Noutras duas capas, o leitor é colocado como alguém que penetra nos momentos e nos espaços de entrega destes jovens, a arena e a casa de fados. Não olhando o leitor, a representação destes jovens parece colocá-los como que no Olimpo, entregues ao canto (a fadista) e à concentração (o candidato a matador de touros).

Também associadas às artes são as imagens-espectáculo que, a toda a largura das páginas par e ímpar, mostram jovens em acção no seu ambiente: de novo a arena e o toureiro, o ambiente intimista da casa de fados, o palco da orquestra sinfónica e a sua jovem maestrina em acção.

Outras imagens dos jovens cientistas e artistas seguem padrões de identificação: em pose, nos seus locais de trabalho, com os instrumentos como fundo, olhando o leitor com ar confiante e descontraído, braços cruzados sobre o peito; em acção, como os desportistas. São jovens afirmativos em imagem e que complementam a mensagem afirmativa do texto. Imagens e legendas assinalam também diferenças: entre tantos jovens talentosos apenas dois são de minorias étnicas. A dominante étnica impõe assim como referência "naturalizada", hegemónica, que são jovens de uma maioria étnica ("jovens brancos") os que tiveram mais oportunidades para singrar.

Os jovens talentosos têm voz activa nas peças, que seguem na sua maioria o género jornalístico do "retrato" ou "perfil", narrando, descrevendo e comentando as suas vivências. É raro que "entrem" vozes de adultos, ao contrário da categoria seguinte. Uma ou outra referência vem de alguém que os conhece bem, em regra um professor ou mestre, mais raramente um familiar. Estes são jovens com autonomia e agência, que falam por si e de si. O diálogo decorre entre a voz da revista e os seus testemunhos directos e assertivos.

Para identificar como se exprime esta escolha vocacional e os seus contextos, foram agrupados excertos por sentidos que emergiram após várias leituras: a "descoberta" da vocação ou a mostra do seu empenho/esforço; as influências de redes; as perspectivas presentes e futuras; a vivência da actividade e de tempos livres; as considerações sobre os constrangimentos do *ser português* em tempos de globalização.

Vocação e esforço

A descoberta da vocação dos jovens excepcionais dá-se quase sempre cedo e a quase totalidade dos percursos parece fazer-se de um modo linear e determinado pela sua *iniciativa* e escolha. O discurso a duas vozes, do jovem e da revista, é revestido de valores idealistas, pós-materialistas (como o envolvimento afectivo e o desenvolvimento pessoal), com recurso a termos como *paixão, sonho, emoção*. A influência familiar, uma vida de contacto com o ar livre e a escola (com o detalhe de, por vezes, se indicar *que* escola foi essa) são apontados pelos jovens cientistas:

"Eu sempre gostei muito de Matemática mas tive uma professora primária que me incentivava e a minha mãe também gostava dessa disciplina."(Domingo, 22.10.2000)

No 11º ano do liceu, feito na Escola Americana de Lisboa, decidi: "O ambiente e os recursos naturais seriam a minha escolha. Depois, procurei os cursos que existiam na área." (Visão, 16.08.2001)

Para Hélder Maiato [cientista em Biologia Molecular], a génese da paixão que agora o consome nasceu do contacto com a natureza desde miúdo. (Domingo, 03.12.2006)

"Desde pequeno que me interessei por compreender a natureza. Depois do sonho, que muitos miúdos acalentam, de ser astronauta decidi que o melhor que tinha a fazer para tentar responder às minhas perguntas era tornar-me um cientista." (Domingo Magazine, 28.5.2006)

Também para jovens artistas, a vocação aparece pressentida desde cedo, como compulsão. Verificam-se, contudo, sinais de uma transmissão cultural por parte das famílias, de recursos variados, embora predominem os meios socioeconómicos mais favorecidos e com maior capital cultural:

Maria João Araújo abraçou a música com apenas cinco anos com aulas de piano no Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga. Para a precoce iniciativa contribuiu muito o facto de os pais tantas vezes organizarem, na sua própria casa, tertúlias culturais. (Domingo Magazine, 27.08.2006)

"Comecei a cantar aos 3 anos e aos 9 já sabia que não ia fazer outra coisa na vida". Nada e criada nas ruas de Alfama, Raquel lembra que no secundário, enquanto os miúdos ouviam os Backstreet Boys e as Spice Girls as suas músicas tinham a voz da Berta Cardoso ou da Lucília do Carmo. (Domingo Magazine, 01.10.2006)

Filho de uma professora de Matemática e de um contabilista, nunca se entusiasmou com números. Gostava mais das formas, das cores e das emoções que sentia quando, com os amigos da Margem Sul, animava com latas de spray as paredes sujas e cinzentas dos subúrbios. Completou o ensino secundário seguindo a opção de Artes Plásticas e foi crescendo dentro de si o sonho de uma carreira artística. (Visão, 23.08.2007)

"Comecei a devorar tudo o que havia em casa, sem grande critério", lembra. Os pais, médicos, desistiram de a contrariar quando a viam desaparecer para o quarto com vários livros debaixo do braço. Aos 9 anos já tinha uma "conta-corrente" numa livraria, onde ia sozinha escolher o que quisesse – os pais depois pagavam. (Visão, 23.08.2007)

Tudo o que aprendeu foi por observação. "Achava fascinante, em pequena, acompanhar os ensaios, a transformação dos actores... e ver os meus pais a criar um espectáculo que, meses depois, era apresentado ao público". (Visão, 23.08.2007)

Encontram-se referências a que a formação artística se fez com sacrifícios financeiros e a que o “reconhecimento” do talento do jovem foi por vezes obra de intervenção exterior, de um padrinho ou de um evento disruptor.

“O Telmo sempre gostou de dançar”, lembra a mãe. Mas nem a cabeleireira Neide Gomes, 45 anos, nem o funcionário das linhas áreas angolanas Hélder Moreira, 43, sabiam que tinham em casa um potencial “primeiro”. Reconheciam apenas que ele tinha “uma veia artística” (...) “Tenho pena de não saber quem me telefonou naquele dia. Nunca tive oportunidade de agradecer.” (Visão, 23.08.2007)

Foi apenas há sete anos, quando completara os 13, que um grupo de músicos foi à sua escola e a fez apaixonar pela ideia de estudar numa escola profissional de Santo Tirso, a Artave. “Sempre gostei de cantar e os meus avós diziam que eu tinha bom ouvido – mas foi só ali, de repente, que senti que era aquilo que queria mesmo fazer”, explica. Nessa tarde, entrou em casa e anunciou: “Quero mudar de escola”. Nascida na pequena aldeia de Selho São Cristóvão, filha de operários têxteis do Vale do Ave, fazia um pedido difícil de satisfazer. Foi com sacrifício que os pais pagaram as propinas e lhe compraram um instrumento. (Visão, 23.08.2007)

Redes e trajectórias

As redes sociais, as influências de professores, os conhecimentos do meio e as hipóteses económicas de ir estudar para fora do país são especialmente importantes para os jovens cientistas. Claramente há quem um capital social mais alargado ou mais restrito, em relação com a posse de capital económico e cultural, recorrendo de novo aos conceitos de Bourdieu (1979). As oportunidades decorrentes não são iguais para todos.

Além dos amigos, Miguel Santos conta ainda com o forte apoio dos pais. (...) Pretende seguir a carreira académica de professor universitário. Neste momento, o maior desejo de Miguel Santos é fazer um doutoramento em Bristol mas tudo depende da atribuição, ou não, de uma Bolsa por parte do Ministério da Ciência e da Tecnologia. Está confiante. (Domingo, 22.10.2000)

Concluiu a licenciatura [em Economia] em 1985. A média de 17 valores foi argumento bastante para que a Universidade Católica o “segurasse”. Deu aulas durante um ano. Depois, seguiu para Chicago, nos Estados Unidos, para fazer o doutoramento. (Visão, 16.08.2001)

Quando defendeu a tese de doutoramento, em 1995, conheceu o economista grego Anastasios Xepapadeas, da Universidade de Creta, membro do júri que avaliou a sua exposição e uma das suas referências. O ídolo de ontem é, hoje, um parceiro de trabalho. Neste momento, Catarina, uma das filhas da deputada Helena Roseta, está em Creta, para continuar um trabalho que desenvolve com o

economista grego. É já um dos nomes importantes e trabalha com os melhores especialistas mundiais. (Visão, 16.08.2001)

Existe a possibilidade de Lilian ingressar na Escola Carlucci American International School de Lisboa. Isto se conseguir uma bolsa de Estudo de Mérito que vai ser atribuída a alguns alunos do concelho de Sintra. "Candidatei-me incentivado pela minha stôra de inglês. Gostava de entrar. Era muito bom." (Domingo Magazine, 01.05.2005)

Michelle tinha apenas 9 anos quando os pais foram abordados por um olheiro norte-americano. A jovem que crescera a jogar ténis no Jamor acabara de se sagrar campeã nacional de juniores (...). O pai despediu-se da agência de publicidade, a mãe tratou das transferências dos seus outros dois filhos, mais velhos, para escolas da Florida. Todos tiveram direito a visto de residência nos Estados Unidos, mas apenas para acompanhar os estudos de Michelle. Ninguém poderia trabalhar. Contudo, o ingresso na escola de Bollettieri garantiu logo apoio de vários dígitos. (Visão, 23.08.2007)

Vivências

A intensidade da vivência da actividade, científica, artística ou desportiva, é sempre ilustrada com ênfase e com base no testemunho directo. A "renúncia" e o "arrependimento" cedem lugar (de novo) à "paixão", ao "vício", à compulsão de um tempo sem horários. O despojamento e a recusa de valores materiais são comuns nestes jovens cientistas e artistas:

"A independência só se consegue longe das empresas. Gosto da liberdade de movimentos, de matérias de estudo e da livre gestão do meu tempo e da minha vida." Uma liberdade só condicionada pelo horário da escola dos filhos, de 6 e 4 anos. (Visão, 16.08.2001)

Para acabar o trabalho, recusou um emprego numa universidade privada, onde lhe exigiam metade da dedicação e ofereciam o dobro do salário. "Nas férias e no Natal arrependo-me da minha opção", confessa Valdemar, que recebe uma bolsa de pós-doutoramento sem direito a subsídios. Mas rapidamente admite a sua irremediável paixão pela investigação e afirma: "Sou muito pouco materialista. Quando morrer, o que quero levar comigo é o conhecimento." (Domingo Magazine, 25.08.2005)

"Quem tem um trabalho como o meu é uma pessoa de sorte, porque é como se tivesse um 'hobby' e não um emprego na verdadeira acepção da palavra. Quando existe um desafio para vencer trabalha-se 24 horas sem cansaço e com a mais alta motivação." (Domingo Magazine, 28.05.2006)

"Tenho fome de palco, de bastidores, da encenação do espectáculo, mas não interessa se canto para uma plateia a abarrotar ou para as paredes do meu quarto." (Domingo Magazine, 01.10.2006)

"Gosto muito do que faço. Faço-o durante 12 horas/dia. Nunca paramos porque a ciência é isso mesmo. Não parar de pensar no que nos rodeia e isso acontece em casa, no café, em todo o lado".
(Domingo Magazine, 03.12.2006)

Raras são as referências a outros interesses e ocupações, enunciadas por jovens cientistas, desportistas ou artistas, por vezes mesmo distantes da actualidade informativa, da leitura de jornais ou de actividades políticas:

Pedro Teles confessa que não acompanha muito a actualidade. "A análise económica feita nos jornais faz-me impressão. Irrita-me. Tenho mesmo aversão. É muito superficial." (...) Nos tempos livres, prefere passear pela cidade, na zona ribeirinha de Lisboa: "Gosto muito de Lisboa e tento usufruí-la ao máximo." (Visão, 16.08.2001)

Iniciativa e pioneirismo

O sucesso dos jovens cientistas está sobretudo associado a habilitações académicas e a sua credibilidade (graus, classificações, universidades onde foram alcançadas). Contrastam com este padrão outras formas de considerar o sucesso, na revista *Domingo*. Além de ter sido a única a incluir uma história de um jovem imigrante com excepcional rendimento escolar, a revista incluiu nos perfis de sucesso um jovem sem indicação de formação universitária e destacou jovens do sexo feminino que optaram por profissões tradicionalmente masculinas.

Com os "apoios possíveis" da Câmara Municipal de Sesimbra, Francisco [monitor de actividades de espeleologia] já realizou "mais de três mil actividades de campo" – e tem projectos futuros para fazer o "levantamento da fauna em 150 grutas do País". "Quando se gosta", garante, "o trabalho compensa sempre". (Domingo Magazine, 24.09.2006)

Depois de acabar o 12º ano, a 1ª tenente Pereira Martins inscreveu-se na Academia da Força Aérea, na Escola Naval e na Universidade de Coimbra, no curso de Matemática Aplicada. Foi admitida nas três, preferiu a segunda. Mas os pais, com medo que Mónica se arrependesse da escolha e não se adaptasse à dura vida militar, pagaram a primeira propina na faculdade, para garantir o lugar. Ela disse que não, não era preciso. Não foi. Não chegou nunca a desenhar números no quadro preto. Em vez disso, fez da escolha profissão que não se imagina a abandonar. A equação tem resultado. (Domingo Magazine 08.07.2007)

Nestes depoimentos de jovens de talento e que abriram novos caminhos reencontramos valores pós-materialistas (atribuição de sentido, desenvolvimento pessoal, sentimentos de auto-estima, determinação na luta pelo ideal), por vezes em rejeição dos valores materialistas (segurança, remuneração superior).

Vemos também nestes perfis, em contra-corrente com os valores profissionais da população portuguesa, a afirmação da iniciativa pessoal, da realização e da mobilização de capacidades.

Cá dentro/Lá fora

São sobretudo os jovens cientistas os que comparam o *aqui dentro* e o *lá fora*. Estados Unidos e Reino Unido/Inglaterra são grandes termos de comparação, e os discursos variam de tom:

"O ambiente universitário inglês é mais dinâmico. Contactamos com as pessoas que publicam em grandes revistas. Existe um espírito mais produtivo." (Visão, 16.08.2001)

"Falta ainda uma certa cultura de colaboração", afirma o lisboeta que faz questão de referir a sua costela alentejana. "Mas aqui tenho tão boas condições materiais como em Oxford e a qualidade de vida é melhor." (Visão, 28.5.2005)

"Sabíamos que tínhamos resultados muito bons, mas também algum receio por sermos de Portugal", admite. Acrescenta, no entanto: "Cá existem mais restrições financeiras, mas não somos piores em nada." (Visão, 28.5.2005)

"Em Harvard eu era apenas mais um. Aqui tenho liberdade para fazer o que quiser e acho muito importante que as descobertas sejam feitas cá." (Visão, 28.5.2005)

"Há a ideia errada em Portugal, e cada vez mais enraizada, de que somos sempre piores que os outros. Isso não é verdade." (...) "O Estado investe tanto dinheiro na sua formação e depois não é capaz de criar oportunidades para que eles trabalhem no seu país, salienta o investigador. 'Então nas empresas portuguesas é para esquecer', sentencia." (Domingo Magazine, 28.05.2006)

"Em Inglaterra há um nível de exigência e transparência mais elevado na selecção das pessoas para os cargos de responsabilidade. Em Portugal, na grande generalidade dos casos, não é assim, reina o compadrio e as amizades." (Domingo Magazine, 27.08.2006)

A voz editorial da revista corrobora este contraste de políticas públicas de intervenção nas ciências e artes, entre Portugal e outros países, a assinalar dificuldades e atrasos nacionais:

Continua a faltar uma aposta clara na Ciência, financiamento que chegue a tempo e horas e o fortalecimento da carreira de investigação. Os privados não investem nesta área, ao contrário do que acontece nos Estados Unidos ou no Reino Unido, onde fundações e associações se assumem como patronos da investigação. No nosso país, os que optam por este caminho arriscam-se a trabalhos precários, financiamentos ao sabor das vontades políticas, muitas angústias e incertezas. (Visão, 25.08.2005)

5.2 - Posturas geracionais e tempos de mudança

Esta categoria reúne peças cujo foco incide em jovens no plural, como grupo de idade e geração, em histórias marcadas pela actualidade: as oportunidades e desafios da condição de estudante nos contextos de mudança do sistema de ensino superior; a precariedade laboral acentuada nos últimos anos; as vivências geracionais num dado ciclo temporal de recessão e crise económica.

Das 17 peças (10 na *Domingo*, seis na *Visão* e uma na *Notícias Magazine*) ressaltam duas narrativas. Na *Domingo*, sete peças têm como foco a condição dos *jovens estudantes*, com os desafios das suas escolhas, oportunidades e constrangimentos do ensino superior em Portugal, ao longo dos oito anos. Na *Visão* e na *Notícias Magazine*, o foco vai para o retrato geracional, centrado nos interesses e preocupações de *jovens*, por um lado, e para a empregabilidade, com um pico e destaque depois de 2005, por outro. Este contraste é mostrado no Quadro 2, que apresenta por ano os títulos e os focos das peças nas revistas:

Quadro 2: Cronologia das peças com foco nos jovens como geração, por ano e por revistas

Ano	<i>Domingo</i>	<i>Visão e Notícias Magazine</i>
2000	- <i>Estudar lá fora</i> (Programa Erasmus)	
2001	- <i>Vieram de fora perdidos mas já se encontraram</i> (estudar na capital); - <i>Crescer com a música</i> (formação musical)	
2002		- <i>Geração Y</i> (interesses e vivências) - <i>Visão</i>
2003	- <i>Jovens: como eles vêem o país</i> (jovens universitários)	
2004	- <i>A escola em cinco passos</i> (do pré-primário ao superior)	
2005	- <i>Ser médico à checa</i> (estudantes de Medicina na República Checa)	- <i>O mundo aos 18 anos</i> (novos eleitores) - <i>Visão</i> - <i>Onde ainda há emprego</i> (saídas profissionais) - <i>Visão</i>
2006	- <i>O curso da avaliação</i> (mudanças no sistema; reforma de Bolonha e escolhas)	- <i>E depois dos 18?</i> (a chegada à maioridade) – <i>Notícias Magazine</i>
2007	- <i>A marcha dos desalinhados</i> (programas alternativos); - <i>Uma geração precária</i> (jovens trabalhadores) - <i>O Futuro cosido na moda</i> (jovens criadores)	- <i>A geração dos 30</i> (a geração pós-25 de Abril) - <i>Visão</i> - <i>10 empregos com futuro</i> (saídas profissionais) - <i>Visão</i>
2008		- <i>Geração em saldo</i> (desemprego de licenciados) - <i>Visão</i>

Fonte: Projecto *O Futuro em Aberto*/Ponte, 2010

Domingo e Visão em revista: "A juventude não existe"

Nas duas revistas com mais peças, o contraste entre duas das mais extensas e quase coincidentes no tempo, os primeiros anos do novo século, ilustra a diversidade da(s) vivência(s) e oportunidades dos jovens e de como, pelo ponto de vista jornalístico, se podem realçar diferentes faces desse plural.

Em *Jovens, como eles vêem o país*, de 14 de Dezembro de 2002, a *Domingo* apresenta seis jovens universitários com um aviso: *eles estão longe de representar o estado de alma de toda a juventude portuguesa, até porque a maioria provém de estratos sócio-económicos médio, médio-alto*. As ambições destes jovens universitários e os seus valores materialistas, em coro com a valorização portuguesa do trabalho bem pago (*a par dos alemães são os que esperam obter melhores salários com a Educação Superior*, lê-se na entrada) são contextualizados nos cenários de risco e de preocupação que pendem sobre as suas cabeças: *Cada seis em 10 alunos querem entrar para o Ensino Superior, mas receiam não encontrar um emprego no fim do curso*.

Estes seis jovens apresentam perfis diferentes, que a revista sintetiza com dados biográficos. Seguem-se títulos e excertos onde se valorizam a mobilidade social, o optimismo, a competitividade, o calculismo e a ambição, os valores materialistas, as tensões entre o dever (dos estudos) e o prazer (dos desportos):

Arnaldo dos Santos, O Menino Doutor [pai engenheiro civil, mãe empresária], *é um dos futuros génios da Nação. Entrou para Medicina com uma média de 19,7 valores e está optimista em relação ao seu futuro profissional e ao do País em que nasceu há 18 anos. "Aos poucos vamos levantar a cabeça". O avô é o seu ídolo: "Era uma pessoa de poucas posses mas subiu a pulso na vida. É um lutador."*

Thelma da Cunha, com Angola no coração [pai, empresário, mãe bancária reformada]. *Escolheu o curso de Estudos Africanos na Faculdade de Letras com o secreto sonho de trabalhar um dia numa Organização Não Governamental (ONG) e ajudar aquele país "devastado por 40 anos de guerra": Sinto a crise na pele. Em casa temos de contar os tostões". Na faculdade, Thelma garante sentir uma certa discriminação racial e demasiada competitividade entre colegas.*

Manuel Melo, o jogador [pai engenheiro informático, mãe professora de inglês]. *"Pelo voleibol até já prejudicou os estudos, mas Manuel quer acabar o curso de Bioquímica e enveredar pela investigação".*

Raquel Rosa, no topo do mundo [pai trabalha numa empresa de transportes, mãe empregada de escritório] *Ainda não acabou o curso de Gestão mas já sonha em trabalhar numa multinacional no estrangeiro. A estudante da Católica está certa que só os melhores resistem no mercado de trabalho mas trunfos não lhe faltam. "Nesta área há ainda muita oferta. Mas como não quero correr riscos, já ando à procura de emprego". Raquel sabe que a média de 16 não basta. No currículo leva*

ainda a experiência do programa Erasmus, que lhe permitiu concluir o 4º ano na Dinamarca, onde esteve seis meses.

Pedro la Féria, uma revolução por minuto [pai cirurgião, mãe enfermeira reformada]. *La Féria irá querer seguir as pisadas do pai, um cirurgião geral no Hospital de Cascais? "Não. Quero ter uma profissão ligada à Psiquiatria, uma área onde não será difícil arranjar um bom emprego". (...)*

Denisa Alencastre: A lutadora [pai trabalha no escritório de empresa de construção civil; mãe directora hoteleira]. *Já com um pé fora da Universidade, tem apenas uma certeza: "Não quero exercer advocacia. E é por isso que não vivo preocupada com o desemprego. Quero escolher uma área que não esteja tão saturada." O curso de Notariado pode vir a ser a carreira e após a conclusão deste, o mais provável é Denisa regressar às origens – "Lá, tenho melhor qualidade de vida."*

Nove meses antes, *outros jovens* apareciam na *Visão*. A 23 de Março de 2002, a capa da *Geração.com*, apresentava uma imagem de grupo: dois rapazes, três raparigas, pele branca, roupa juvenil e calçado desportivo, em pose descontraída, sorriem para o leitor, com os seus apetrechos (skate, telemóvel, portátil, mp3) à vista. A condição de estudante é ignorada e as escolhas vocacionais e o futuro parecem não fazer parte desta *Geração Y*. São os jovens do *skate* e do *surf*, dos consumos e das tecnologias, defensores da ecologia e da anarquia. Introduzidas pela voz editorial, que contextualiza os ambientes, as palavras dos jovens, por vezes reproduzidas de forma minimalista, são comentadas por sociólogos e por profissionais de empresas de prestígio que aqui intervêm também enquanto potenciais empregadores. A sequência de vozes, primeiro os jovens, depois os *experts*, repete-se cena após cena, numa sugestão de hierarquias de autoridade: *eles* falam *deles*, *nós* comentamos e avaliamos o que *eles* dizem.

No parque de skate da Expo, em Lisboa, os pensamentos estão fixos nos movimentos. Pouco se fala. As vozes só se ouvem para dar os parabéns por manobras mais difíceis. "Somos todos amigos. Se ele andar melhor do que eu, fico feliz", afirma Ricardo Fonseca, 23 anos. Há 12, pôs-se em cima de um skate, pela primeira vez, e hoje faz da modalidade a sua profissão. Pagam-lhe para andar na tábua, vestido e calçado a rigor. Interrompeu o curso de Engenharia Biotecnológica para dar a cara a marcas de roupa emblemáticas. (...) Francisco Penim, director da SIC Radical, aponta uma das principais características desta geração: "O feeling de tribo é muito forte."

Na Escola de Linda-a-Velha, Inês Morais, 17 anos, vai dedilhando o seu "telelé" e, de olhos postos no pequeno ecrã, confessa que chega a enviar 50 SMS por dia. (...) "Estão desenhados para tirar partido das novas tecnologias e incluem-nas no seu dia-a-dia, mesmo no laboral", refere Rodrigo Carvalho, 27 anos, envolvido no recrutamento de pessoal da empresa Proctor & Gamble.

Filipa Santos, de 21 anos, comenta as últimas novidades, pendurada nos charriots da Salsa do Colombo. "Mal tenho dinheiro, compro uma peça de roupa", diz a figueirense que estuda Ciências da Comunicação em Lisboa e é cliente assídua do megacentro comercial lisboeta. "Há coisas que vejo e penso 'isto tem de ser meu' e acabo por comprar, mesmo que depois fique um bocado apertada." E remata: "Não tenho outros vícios." (...) Pedro Pires, criativo da agência The Basement, explica esta necessidade compulsiva de comprar. "As marcas deixam de representar produtos e passam a identificar formas de estar. Eles têm de gostar do que vão comprar, do que aquilo representa e de onde aquilo os vai colocar em termos sociais", afirma. De tal forma que há mesmo quem diga – como o sociólogo José Machado Pais, que "a integração na sociedade dá-se no mercado de consumo e já não no mercado de trabalho."

"Ser surfista não é só praticar desporto", explica Pedro Vilhena, com um ar grave de adolescente. "É toda uma harmonia, com o mar, com a Natureza, com os amigos." Por detrás do aparelho dos dentes, vai explicando que é anarquista. (...) Para a geração anterior, um surfista está tão distante de um anarquista como a água do azeite, mas para os Y não há qualquer contradição. Explica o sociólogo Vítor Sérgio Ferreira, "os referentes identitários" dos vários grupos juvenis acabam por ser transversais".

A síntese final é trazida por duas jovens, *pintadas* pelo texto, com tradução da linguagem:

Penteado com algumas rastras, tatuagens nas costas, piercing na língua, pestanas pintadas de azul, pulseiras coloridas nos braços e um grande brinco na orelha esquerda (...), risonha, Pólen revela que gostava que a sua geração deixasse uma marca: "Era bom que ficássemos conhecidos como aqueles que mostraram que a vida é para ser aproveitada." Para Ana, o importante é não ceder a demasiadas preocupações nem ter pensamentos negativos. Aliás, chama a si e aos da sua idade, "a geração 'se bem'". De "está-se bem"."

Vejamos agora em detalhe o percurso de cada uma das três revistas até 2008.

Revista Domingo: aconselhando para a formação, a responsabilidade e a iniciativa

Esta revista, lida por muitos pais na maioria sem frequência de curso superior, destaca uma condição que não viveram, a de ser estudante universitário. O "mundo novo" das Universidades e dos Programas Erasmus, as opções para uma trajectória escolar bem-sucedida dos seus filhos e outros conselhos sobre formação cultural fazem parte deste discurso de aconselhamento, que inclui e sublinha os custos financeiros.

Os percursos escolares e de formação foram capa em três edições, mas apenas uma delas apresenta jovens em imagem: em semi-círculo estão cinco estudantes de um recém-criado curso de moda, dois do

sexo masculino e três do feminino, uma das quais africana. Fotografados no seu ambiente, entre tesouras, linhas e fitas métricas, quatro olham directamente o leitor, e todos exibem expressões de sorriso e confiança (*Um futuro cosido com as linhas da moda*, 15 de Julho de 2007).

As imagens de jovens da *Domingo* variam entre retratos identificativos (sorrindo para o leitor, sozinhos ou junto dos pais, em salas de estar ou na aula, ou ainda em ruas de países distantes, onde estudam) e de jovens em actividade, concentrados (uma jovem violinista, um jovem em sala de estudo). A peça mais extensa apresenta fotos produzidas, de jovens universitários, cada um segurando diferentes partes de um mapa-mundo – numa associação à globalização e a horizontes largos - ou objectos simbólicos da sua escolha (a bola de futebol, o estetoscópio), também a olhar o leitor com expressão de confiança (*Jovens: como eles vêem o país*, 14 de Dezembro de 2003). Uma foto-reportagem insere os jovens entre outros trabalhadores, na manifestação contra o trabalho precário (*Uma geração precária*, 1 de Abril de 2007).

Além da voz editorial, as vozes de adultos, sobretudo pais e mães, são dominantes nestas duas revistas. Os pais e os seus testemunhos vividos permitem a identificação:

Para uma grande maioria de jovens a frequentar os últimos anos do liceu, a experiência de um ano a estudar num outro país é um desafio e um sonho. Nem sempre foi assim, há apenas 20 anos atrás, ir estudar para o estrangeiro era uma possibilidade reservada apenas àqueles que tinham dinheiro e conhecimentos. (...) Qualquer opção para estudar no estrangeiro não sai ainda barata. (Domingo, 22.10.2000)

Quem quiser aprender Música mais seriamente, terá que dispor de algum tempo e dinheiro para concretizar o seu objectivo. (Domingo, 30.12.2001)

Para a mãe, a educação é uma prioridade. "Prefiro reduzir os custos noutras áreas. É um sacrifício financeiro que vale a pena. Julgo que é essencial apostar num bom colégio logo a partir dos três anos de vida, é importante para o desenvolvimento dela." (Domingo, 05.09.2004)

Na *Domingo*, as vozes de jovens, sobretudo estudantes universitários, incidem nas opções e indecisões de escolha, entrecortadas com apresentações e avaliações da voz editorial. Coexistem discursos de *jovens* com escolhas estrategicamente orientadas para a empregabilidade e de jovens indecisos, apesar de já estarem no ensino superior. Por vezes desponta também o conflito geracional em relação aos valores do trabalho.

A Rita está meia perdida, decidir-se-á no final, daqui a um ano. E a Susana limita-se a largar uns incertos, "Lisboa? Farmácia Comunitária e Hospitalar? Sim, isso deve ser giro, o contacto com as pessoas e tal... é o mais provável." (Domingo, 18.11.2001)

Há três ou quatro anos decidiu que queria ser pediatra, ou talvez especializar-se em Pedopsiquiatria, mas para conseguir vestir a bata branca ainda vão ser precisos anos e anos de estudo. Nada que o intimide: "Sinto que o 10º ano vai ser puxado e com mais rivalidade entre os colegas da turma. A

partir de agora é a sério. Tenho mesmo de me agarrar aos livros”, confessa. Depois, olha de soslaio para a mãe e acrescenta: “Mas estou motivado. Além disso, não posso começar a tirar más notas ou a deixar de estudar. Se fizesse isso deixava de ter autorização para sair com os amigos.” (Domingo, 05.09.2004)

Quatro anos depois de ter chegado a Pilsen, Catarina ainda sabe de cor a admoestação paterna, de que um bom negócio é bem melhor que a vida de um médico – “ganha-se mais e têm-se menos chatices.” (Domingo Magazine, 30.10.2005)

“Ainda não sei muito do curso [Estudos Europeus]. Não estive atento a taxas de emprego ou saídas profissionais. Pensei: ‘Vou para o que gosto!’; depois conta ser bom e também ter um bocado de sorte”, afirma, confiante. (Domingo Magazine, 08.10.2006)

“A Economia atrai-me e como não queria nada da área da Saúde porque tem disciplinas muito difíceis, a escolha foi fácil”, disse a jovem estudante. Mariana, que entrou com 13,02 valores, ainda não sabe o que quer fazer quando tiver o canudo. “É cedo para pensar nisso.” (Domingo Magazine, 08.10.2006)

“Na altura trabalhava na Zara. Quando disse aos meus pais que queria lá ficar e deixar de estudar, a minha mãe falou-me deste curso, por saber que eu gostava. O meu pai estava naquela: ‘Vamos ver o que vai dar’. Nos testes ele percebeu que ia dar certo.” (Domingo Magazine, 15.07.2007)

As propostas de Nair Xavier, tingidas com o gosto de África: “O consumidor ideal da minha colecção deve ser aventureiro acima de tudo, simpático, idealista, vivido, viajante e viajado” inclui na memória descritiva a jovem de 17 anos, que ingressou directamente na Magestil no final do 9º ano. A savana deu o mote para os coordenados masculinos que desenhou e confeccionou. (Domingo Magazine, 15.07.2007)

Notícias Magazine: uma presença quase residual do tema

As vozes e o estilo impressos nas peças da *Domingo* têm semelhança com as dos jovens apresentados na *Notícias Magazine*, quando tratou o rito de passagem dos 18 anos, na sua única e extensa peça sobre gerações, onde se vincam diferentes maturidades de género, com as raparigas capazes de cálculos mais estratégicos e determinados do que os rapazes:

O André queria mesmo era fazer História e, apesar de as más-línguas lhe garantirem que é “chato à brava”, não foi isso que o removeu, mas a ideia de que as saídas profissionais do curso são demasiado difíceis. O seu futuro jogar-se-á então entre Sociologia e Relações Internacionais que, na opinião deste estudante do 12º ano, “sempre têm um leque mais alargado de opções”. Projecto adiado por um ano porque a língua alemã lhe foi muito traiçoeira. “Não escolhi, mas como não havia

Latim, puseram-me numa turma de Alemão. Se não tivesse chumbado a esta disciplina, tinha média de 13 ou 14." E agora? "Vou fazer o Alemão e trabalhar no tempo que sobra. Talvez numa loja ou restaurante, andam sempre à procura de gente". (...) "Medos? Não conseguir concluir os estudos nem arranjar emprego. Mas a verdade é que não tenho muitas preocupações, quando o futuro chegar logo se vê."(Notícias Magazine, 17.09.2006)

Só no momento de se candidatar à faculdade – tinha só 17 anos – viu adiado por um ano o sonho de ingressar em Medicina. A média não chegava. Entretanto, aproveitou para frequentar o curso de Farmácia e não trocava o ano transacto por nada deste mundo. "Foi o melhor ano de caloiira que podia ter." Ainda assim, Carla não desistiu. Fez das fraquezas forças e estudou para os dois exames, garantindo uma média de 18,9. Soube dos resultados estava de férias no Algarve e o coração quase parou. "Fiquei feliz, sinto-me mais segura". Agora é quase certa a entrada no Porto. (Notícias Magazine, 17.09.2006)

Nesta revista para leitores de maior capital económico está incluída a experiência de um interregno sabático como processo de formação:

Da coluna dos deveres, "o maior é para o ano decidir o que quero fazer e fazê-lo bem, já não há lugar a cedências". E enquanto o ano que vem não chega, Maria que acabou o 12º com média de 14 ("os exames não correram tão bem quanto eu esperava"), vai tirar uma licença sabática, um gap year, como lhe chama, para conhecer outros mundos. "O que custa mais é sair, mas é uma oportunidade única que os meus pais me oferecem de alargar os horizontes." (Notícias Magazine, 17.09.2006)

Visão: Do "está-se bem" à geração em saldo

Nas peças da *Visão* entre 2002 e 2008 vai-se inscrevendo a narrativa da des(ilusão), que vai do desprendimento da *geração Y*, e da apologia dos seus valores pós-materialistas à preocupação da *geração em saldo*, na procura muito terrena da segurança e estabilidade económica. A *geração Y* passa à *geração realista*, em 2005, e à *geração em saldo*, em 2008. Em 2002 e em 2005, os seus pais, filhos dos anos 1970, urbanos e relativamente bem instalados na vida, viviam ainda sob a confiança relativa de que o curso superior asseguraria saídas e que aos *seus filhos* não aconteceria o mesmo que aos filhos *dos outros*, até que o desemprego de jovens licenciados se começou a notar nas estatísticas. As quatro capas que a revista dedicou a questões geracionais e de empregabilidade falam por si.

A *geração realista*, em 2005, apresenta os que vão votar pela primeira vez nas eleições de Fevereiro desse ano. Na capa, com o mar em fundo, um jovem, bronzeado e vestido desportivamente, sorri para o leitor e

os seus braços imitam o gesto do voo da gaivota: é livre, experimenta e vive o momento (trata-se de um jovem *em trânsito*, que veio de uma cidade do interior para a capital, tirar um curso médio de Hotelaria, que descobriu o *surf* e cujo aproveitamento escolar se ressentiu nos primeiros meses). Entre factos e estatísticas são apresentados perfis de 11 jovens de 18 anos, de diferentes meios sociais, a viver no interior e na capital, e contrastadas as suas expectativas e trajetórias, agora com inclusão da sua situação de estudante ou de quem entrou ou tenta entrar no mercado de trabalho. A tônica comum é o desligamento da política, enunciado logo na entrada da peça:

Individualistas e consumistas, cultivam mais o corpo do que os livros. Não passam sem as novas tecnologias. Mas também são capazes de sentimentos mais nobres. Política é que não: metade dos 357 mil novos leitores não tenciona votar, nas próximas eleições.

As trajetórias e as escolhas vocacionais (ou a sua ausência) em excertos nas legendas de imagens de jovens fotografados nos seus ambientes, evidenciam as diferenças entre os meios, os capitais educacionais, as perspectivas de futuro:

Sofia Marques [*sorri para o leitor, dossier no colo, bata branca, edifício da Faculdade em fundo*], aluna do 1º ano de Medicina, no Porto: *A média de 19,73 valores valeu-lhe um prémio da melhor aluna do secundário.*

"Puto da Musgueira" [*quis anonimato; punhos cerrados junto ao rosto em gesto de pugilista, camisola com capuz e boné a cobrir a cabeça, olha o leitor em desafio; parede repleta de tags, em fundo*], aluno do ensino recorrente, em Lisboa: *Abandonou a escola aos 15 anos sem saber ler nem escrever. "Era um rebelde."*

Ana Celeste Medeiros [*de farda de trabalho, ao balcão de restaurante, sorri para o leitor*], empregada num 'fast food' em Vila Real. *Antecipou-se às dificuldades e arranjou emprego. "Os estudantes não têm pensar nenhum, não sabem o que é a responsabilidade."*

Ruben Chaves [*encostado a parede, camisola de marca, gorro na cabeça, olha o leitor de rosto fechado e braços cruzados*], desempregado, de Vila Boim. *Tem um curso profissional de Desenho mas meteu os papéis para a Marinha. "Aqui não se passa nada."*

Teresa Carreira [*olha o leitor, de braços cruzados e expressão serena. Atrás, um enorme crucifixo e uma frase em grandes caracteres: Por eles eu me consagro*], aluna do 1º ano de Medicina, em Lisboa: *Ser médica é "ajudar aqueles que sofrem".*

Fábio Silva [de luvas e bola de futebol na mão, olha o leitor com um sorriso; redes de baliza em fundo]. O seu mundo ainda gira à volta da bola e dos mimos da avó e da mãe.

Mariana Dias [duas crianças, uma em cada braço, sorri timidamente para o leitor; descampado com um muro de pedras em fundo]. Aluna de um curso de cabeleireira, em S. Miguel. Aos 17 anos definia-se como uma criança. Com a chegada das filhas (Carolina e Andreia, hoje com 15 meses), tornou-se mulher, sem disso se aperceber.

Dois anos depois, a 20 de Setembro de 2007, nova abordagem geracional, na peça *Geração dos trinta*. Na capa, dois jovens adultos, homem e mulher, actores conhecidos, ambos de camisa branca, desabotoada, num fundo claro, olham o leitor, com meios sorrisos, como que troçando da contradição da legenda: *Têm mestrados e pós-graduações. E também emprego precário [e] baixos salários.*

A expressão-choque de Vicente Jorge Silva, "Geração Rasca" - lançada num editorial do *Público* em 1994 e aplicada aos jovens estudantes universitários - recorrentemente recordada e reelaborada sempre que se fala de jovens, volta a sê-lo na entrada da peça: *jovens adultos – os mais habilitados de sempre – "à rasca", numa sociedade competitiva, exigente e instável.* Na casa dos 30, os jovens adultos inquiridos, sem lugar a minorias étnicas, solteiros ou casados e já com filhos nos braços, posam em imagens frontais, uns sorrindo para o leitor, outros de semblante mais fechado. São ouvidos um secretário de Estado, um auditor, um licenciado à procura de emprego, uma funcionária de uma associação recreativa, um autarca e uma actriz. A estrutura narrativa segue a anterior, combinando comentários dos especialistas com testemunhos.

João Rico tem 30 anos e continua a viver, como sempre, em casa da mãe, em Massamá. O prolongamento dos estudos até à licenciatura em Economia, a entrada no mercado laboral aos 24 anos e a precariedade não deixou espaço para grandes aventuras. A sucessão de trabalhos à peça e os contratos a prazo são muito comuns nesta faixa etária. "Creio que a principal mudança que se deu com esta geração, além das questões de conjugalidade, é a forma como se encara o mercado de trabalho", analisa Moura Ferreira, sociólogo. "Os jovens adaptam-se à incerteza." João Rico acrescenta: "Acho que esta é uma geração que se preocupa, sobretudo, com o presente. Não planeia muito." (Visão, 20.09.2007)

Mais tarde, no fim do secundário, o menino a quem nunca faltou nada teve o primeiro banho de realidade. Com 40 contos metidos pelo pai no bolso do blaser e um bilhete de avião, foi viver um ano em Paris e Londres. Tocou guitarra no metro, cantou na rua, trabalhou em restaurantes e entrou no mundo da moda, como manequim. "Aprendi a lidar com o facto de não ter dinheiro", lembra. Um ano depois, vivia sozinho e estava na faculdade a estudar Medicina Dentária. Entretanto, e após algum tempo de insegurança profissional, montou a Clínica da Lapa, onde está desde 1999 a

mudar o sorriso dos portugueses ricos. Segundo o sociólogo João Teixeira Lopes, "esta é a primeira geração a sair de Portugal em massa, para estudar e não para ganhar dinheiro". (Visão, 20.09.2007)

Só um dos jovens não tem rosto. Introduzida em último lugar, encerra a peça e faz destacar a moral:

Na verdade, não há só uma geração dentro dos "trinta". Uma outra realidade escapa por completo aos perfis de consumo, aos dilemas dos licenciados e às hesitações dos recém-unidos de facto. Trata-se de pura sobrevivência. É o caso de Madalena Coito. Com 31 anos, já tem três filhos, entre os 4 e os quinze. (...) "Eu era muito bandida. Dizia que ia para a escola mas não ia nada", confessa, com a rebeldia cravada no rosto – uma longa cicatriz, no centro da testa, arranjada aos 8 anos, numa briga. (Visão, 20.09.2007)

Na *Visão*, a empregabilidade [de jovens e não jovens] é tema de Economia, em avisos e conselhos impressos, em peças publicadas em 2005 (*Onde ainda há emprego*, a 22 de Setembro) e 2007 (*10 empregos com futuro*, a 6 de Dezembro). Nestas peças de aconselhamento, os peritos são fundamentais e vêm sobretudo das áreas de ponta, Tecnologias, Recursos Humanos, Gestão empresarial, Logística, Marketing e Vendas:

Já não basta ser o melhor nem ter um canudo. É preciso fazer a escolha certa, nem que seja preciso mudar de vida. (...) Enquanto se lançam especialistas inúteis no mercado de trabalho, há um admirável mundo novo por descobrir, muitas vezes sem tradução: Project managers, business unit managers, country managers, business controllers, Sales supervisors, trade marketing managers, entre outros. (Visão, 22.09.2005, destaques no original).

Coincidindo com a tradução do livro *Mileuristas*, de Espido Freire, publicado em 2006 em Espanha, em 2008 chega a *Geração em saldo*, tema de capa a 28 de Fevereiro, a nossa última peça. A enfatizar a quantidade, um friso de seis jovens, quatro do sexo feminino e dois do sexo masculino, etnicamente homogéneos e vestidos informalmente, repetem uma mesma postura: olhar frontal para o leitor, boca fechada e mãos nos bolsos, pose de espera, desafio e expectativa. A mesma linha de ilustração repete-se no interior. Agora 25 jovens (13 mulheres e 12 homens, entre eles um africano) são identificados pelo nome próprio e sumariamente apresentados (cursos, profissão). Mantém-se a postura frontal, a encarar o leitor com ironia e cumplicidade. Na grande maioria, a legenda informa, são formados em Artes (Arquitectura, Teatro, Música, Cinema), Comunicação e Humanidades, embora apareça também uma jovem doutorada em Geologia Lunar.

A peça segue o modelo habitual, entre a voz editorial, os depoimentos ilustrativos dos jovens enquanto casos singulares, mas surgem respostas colectivas, enquanto vozes organizadas, como os movimentos FERVE (Fartos d'estes recibos verdes), PI (Precários Inflexíveis) e Intermitentes do Espectáculo e do

Audiovisual. Continuam as estatísticas e os estudos, os comentários, as justificações de governantes, as reivindicações de sindicalistas, enquadramentos de economistas ou sociólogos. Novamente, *eles* e *nós*.

O sociólogo Elísio Estanque alerta para o "factor de retrocesso em termos de incentivos às novas gerações" que pode constituir o facto de as empresas porem "jovens a exercer tarefas para as quais estão sobrequalificados". Inês (nome fictício) tem medo de chegar a essa fase: "Nessa altura, o meu psicólogo vai ter de trabalhar ainda mais." Por enquanto, com 30 anos paga para estagiar num conceituado gabinete de decoração de interiores. (Visão, 28.02.2008)

Muito longe da geração Y, desencantados e acusadores (*"Porque não me limitaram a entrada na universidade se sabiam, à partida, que não havia lugar para mim?"*), estes jovens que viveram infâncias desafogadas surpreendem-se com a inversão da lógica ascensional:

"Os nossos pais deram-nos mais do que tiveram mas nós temos menos do que eles." (Visão, 28.02.2008)

"Vivo numa casa de classe média alta, mas sou mais pobre do que a porteira." (Visão, 28.02.2008)

Linhas em aberto

Esta incursão pelas revistas informativas durante um tempo longo de oito anos deu conta a escassez de peças sobre o tema, como linha condutora, e de uma maior visibilidade sobre jovens e escolhas vocacionais nos anos marcados por retracção do mercado de trabalho, depois de 2005. Evidenciou a tendência para associar essa presença a meses de Verão, num momento em que a agenda de acontecimentos está mais reduzida. Por fim, destacou uma clara desigualdade na inserção por revista, com a revista associada ao jornal mais popular a ter praticamente dois terços das peças do corpus.

A análise de discursos permitiu aprofundar diferenças entre revistas. Contrariando uma visão monolítica sobre o jornalismo, tornou-se claro que os discursos destas revistas se dirigem a leitores com posições sociais diferenciadas. Essa diferença perpassa em ambas as grandes narrativas identificadas: a dos jovens excepcionais e a dos jovens enquanto grupo e geração.

A revista *Domingo*, associada ao jornal mais popular, apresenta mais conselhos úteis para uma desejada mobilidade social dos filhos, com indicações de ordem material (como os custos financeiros do que significa estudar no ensino superior) e simbólica (maior ênfase no esforço pessoal, na capacidade de vingar por si, sem auxílio de redes de conhecimentos e de influências que são mais escassas nos meios populares). Destaca valores, como a iniciativa e o empreendedorismo, vencendo barreiras de género e resistências familiares. Menos elitista, não procura tanto a inclusão de vozes de autoridade, de poder e de saber, mas tem o cuidado de escutar jovens com discursos articulados e racionalizados, que ilustrem este paradigma do esforço individual e do exercício de uma boa gestão de riscos. Se refere jovens que se afastam desse

modelo (e a quem designa como *desalinhados*), inclui jovens africanos e jovens imigrantes, praticamente ausentes nas outras revistas, e apresenta-os como vencedores ou batalhadores. Consagrando os valores da iniciativa, do esforço e do cálculo e apostando em "histórias exemplares" (às quais dedica uma secção especial), a revista do *Correio da Manhã* terá conseguido deste modo constituir-se como um espelho para aqueles que, em contextos de menores capitais educacionais e de desfavorecimento económico, se empenhavam em "virar o destino".

Da *Notícias Magazine*, pelo escasso número de peças e a sua breve concentração no tempo, ressalta a quase ausência de atenção a este tema.

Por fim, as peças da *Visão* reflectem o olhar hegemónico com que são considerados os jovens: como os *nossos filhos*, na perspectiva dos leitores de classe média, em certo contraste com os leitores da *Domingo*: jovens com condições de progressão nos seus estudos, de desenvolvimento das suas capacidades intelectuais e de redes sociais (acesso a livros, a boas escolas privadas, a viagens, a contactos, a um mundo cosmopolita). Nos primeiros anos, encontramos-os protegidos e mantidos longe do mundo material, das tensões da esfera das políticas, sem outras responsabilidades que não fossem – e nem sempre – as de serem bons alunos. Encontramo-los a viverem uma adolescência e juventude prolongadas, um tempo de descoberta de si mesmos, da sua autenticidade, um tempo de instantes vividos intensamente – *tá-se bem* - claramente pós-moderno, mas sem responsabilidades. O seu comportamento é explicado aos pais por vozes de autoridade – entre elas, sociólogos – cujos excertos, no encadeado do texto jornalístico, caem na generalização e na banalização. A voz editorial controla o saber do investigador, submete-o à sua narrativa e às suas explicações – rápidas, reduzidas e redutoras. No momento final destes anos, os jovens que faziam sorrir o leitor parecem agora fazê-lo tremer quando o interpelam e questionam as (des)regulações da economia liberal e de políticas que lhes recusam uma entrada no mundo laboral.

Neste intervalo, entre 2000 e 2008, uma conjuntura de crise começa a desenhar-se e sugere como as novas gerações recuperaram os clássicos valores das agendas modernas: empregabilidade, bons salários, hipóteses de carreira futura, segurança no trabalho. A crise chegou às classes médias – e passou a afectar (também) os seus filhos. Nos tempos presentes, esta situação agudizou-se e generalizou-se, mas o olhar sobre o tempo longo revela que já vinha de trás. Como está o jornalismo – e nomeadamente estas revistas – a trabalhar estas problemáticas e como as poderia trabalhar de modos a estimular a reflexividade e a participação dos jovens é um desafio para outras análises.

Bibliografia

Beck, Ulrich (1992). *Risk Society. Towards a new modernity*. London: Sage.

Bourdieu, Pierre (1979). *La Distinction. Critique Sociale du Jugement*. Paris: Éditions de Minuit.

Buchner, P. (2003). The transmission of social and cultural capital between family generations. *Childhood in Generational Perspective*. B. Mayall and H. Zeiher. Londres, Institute of Education: 71-85.

Caetano, António, Tavares, Susana e Reis, Rita (2003). Valores do trabalho em Portugal e na União Europeia. In Jorge Vala, Manuel Villaverde Cabral e Alice Ramos (eds.) (2003). *Valores sociais: mudanças e contrastes em Portugal*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, pp. 429-455

Cardoso, Carla Rodrigues (2012). *Seduzir ou Informar?* Coimbra, MinervaCoimbra

Cardoso, Gustavo, Costa, António Firmino, Conceição, Cristina Palma da & Gomes, Maria do Carmo (2005). *A Sociedade em Rede em Portugal*. Porto: Campo das Letras.

Chalaby, J. (1996). "Jornalismo como uma invenção anglo-americana. Comparação do desenvolvimento do jornalismo francês e anglo-americano, 1830-1920s." *Media & Jornalismo* 3: 29-50.

Charon, Jean-Marie. (1999). *La Presse Magazine*. Paris: La Découverte.

Eurobarómetro Nº 202 – Youth Survey (2007)

Fairclough, Norman (1991). *Discourse and Social Change*. London: Polity Press

Giddens, Anthony (1990). *As Consequências da Modernidade*. Oeiras: Celta, 1992.

Lakoff, George (1975). *Language and Woman's Place*. Harper and Row

Machado, Fernando Luís & Costa, António Firmino da (1998). Processos de uma Modernidade Inacabada. In José Manuel Leite Viegas & António Firmino da Costa (Eds.), *Portugal: que Modernidade?* (pp. 17-44). Oeiras: Celta.

Martins, Susana, Mauritti, Rosário & Costa, António Firmino (2005). Condições socioeconómicas dos estudantes do ensino superior em Portugal. Relatório para a Direcção Geral do Ensino Superior, Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior

McLaughlin, Liza (2000). *The Language of Magazines*. London: Routledge.

Melo, Benedita (2011). Escolhas escolares e opções profissionais – Entre a família, a escola e os amigos, que papel desempenham os media? *Sociologia da Educação, Revista Luso-Brasileira*, 4, 24-53.

Ponte, Cristina (2010). Jovens e escolhas vocacionais. O futuro em aberto nas revistas de informação geral (2000-2008). Seminário internacional *O Futuro em Aberto*. Instituto de Ciências Sociais, 1 de Outubro.

Ponte, Cristina, & Afonso, Bruna (2009). Crianças e Jovens nas notícias: Análise da cobertura jornalística em 2005, In Cristina Ponte (Ed.), *Crianças e Jovens em Notícia* (pp. 29-44). Lisboa: Livros Horizonte

Telo, António José (2007). *História Contemporânea de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença.

Van Leeuwen, Teun (1997). A representação dos actores sociais. In Emília Ribeiro Pedro (Ed.), *Análise Crítica do Discurso* (pp. 169-222). Lisboa: Caminho.

Vieira, Maria Manuel & Almeida, Ana Nunes (2012). From University to Diversity: the Making of Portuguese Higher Education. In Guy Neave & Alberto Amaral (Eds.). *Higher Education in Portugal 1974-2009. A nation, a Generation*. Dordrecht, Heidelberg, London, New York: Springer. ISBN: 978-94-007-2134-0)

Vieira, Maria Manuel (2012). Incerteza e individuação. Escolarização como processo de construção biográfica. In Juez Dayrell, M^a Alice Nogueira, José M. Resende, M^a Manuel Vieira (org.) *Família, Escola e Juventude. Olhares cruzados Brasil-Portugal*. Belo Horizonte: Editora UFMG. ISBN: 978-85-7041-919-4

Vieira, Maria Manuel, Pappamikail, Lia & Resende, José (2012, no prelo). Forced to deal with the future: uncertainty and risk in vocational choices among Portuguese secondary school students. *The Sociological Review*-

Vilas-Boas, Sérgio (1996). *O estilo magazine. O texto em revista*. São Paulo: Summus.